

Morreu Mário Mesquita, o açoriano formador de várias gerações de jornalistas

Morreu o jornalista açoriano Mário Mesquita, formador de várias gerações de jornalistas, como recorda o Diário de Notícias, jornal que dirigiu durante vários anos.

Nascido há 72 anos em Ponta Delgada, Mário Mesquita morreu ontem vítima de crise cardíaca.

Começou a sua carreira com várias colaborações na imprensa açoriana e depois seguiu para Lisboa, onde integrou a Direcção do Diário de Notícias de 1976 a 1986.

Como professor universitário, formou várias gerações de jornalistas.

O conhecido jornalista açoriano integrava há vários anos o Conselho Regulador da ERC (Entidade Reguladora da Comunicação) de que era Vice-presidente.

Pioneiro em Portugal do ensino do jornalismo e de Ciências da Comunicação, formado na Universidade de Lovaina (Bélgica), Mário Mesquita esteve sempre ligado à oposição contra a ditadura e foi em 1973 um dos fundadores do PS.

De 1975 a 1976 foi deputado constituinte eleito pelo PS.

Iniciou-se no jornalismo antes do



25 de Abril, no República.

Foi Director adjunto do DN de 1976 a 1978 e depois director, 1978 a 1986.

Dirigiu também o Diário de Lisboa.

Voltaria ao DN em 1997 para ser, durante cerca de um ano, seu Provedor dos leitores.

Era professor na Escola Superior de Comunicação Social, em Lisboa.

Formou aqui e na Universidade Nova várias gerações de jornalistas, tendo também sido o fundador do curso superior de jornalismo da Universidade de Coimbra.

Nunca se esquecia das suas origens e cultivava muitas amizades nos Açores, onde fazia sempre questão de lançar os seus livros, como aconteceu ainda recentemente com o lançamento, no Teatro Micaelense, da obra "A liberdade por princípio: estudos e testemunhos em homenagem a Mário Mesquita", da editora Tinta da China.

A obra, com mais de 800 páginas, contou com a coordenação de Carlos Guilherme Riley, Cláudia Henriques, Pedro Marques Gomes e Tito Cardoso e Cunha e foi também apresentada na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa.

A ideia do livro "partiu do momento em que Mário Mesquita se aposentou

aos 70 anos, ao fim de 40 dedicados ao ensino do jornalismo", disse Pedro Marques Gomes, que é professor da Escola Superior de Comunicação Social.

O livro aborda o percurso de Mário Mesquita "desde as lutas oposicionistas ao regime fascista até à democracia, como fundador do Partido Socialista, e também sobre as temáticas a que se dedicou", além da história da contemporânea dos Açores e inclui ainda testemunhos de cariz pessoal.

Trata-se, "sobretudo", de um livro "de académicos".

A partir do momento simbólico da sua aposentação, "embora continue a leccionar na Universidade Lusófona, um grupo de académicos juntou-se e convidou uma série de investigadores universitários para contribuírem para um livro de homenagem ao professor Mário Mesquita", prosseguiu o responsável.

Enquanto jornalista, foram atribuídos a Mário Mesquita vários prémios, sendo autor de oito livros sobre comunicação social.

Nestes últimos anos publicou alguns artigos neste Diário dos Açores.



José Maria Lopes de Araújo

Mário Mesquita: uma enorme perda para os Açores e para o Jornalismo Português

A notícia chegou-me assim inesperada e violenta como sempre quando não esperamos a perda de um amigo.

Sabia que a cirurgia tinha corrido bem e estava no recobro. Estava seguro que ele ficaria bem.

Hoje chegou pela voz de um amigo comum a notícia do seu falecimento na noite passada.

Conheci o Mário há mais de cinquenta anos.

Os nossos pais eram amigos, tinham sido professores primários e ambos foram para a aviação, o meu pai para a Air France em Santa Maria e o Sr. Higinio Mesquita para a Sata logo desde o seu início.

O Mário, mais velho do que eu meia dúzia de anos, foi para Direito, para Lisboa, e, naquele dia, teria talvez uns dezanove anos e eu uns treze, passou em Santa Maria a caminho de Lisboa e foi lá almoçar a casa.

Recordo-me perfeitamente desse dia e da conversa dele com o meu pai sobre a sucessão de Salazar. Segui atentamente a conversa e estava encantado pela forma segura e informada com que discorria sobre a falsa abertura da Primavera Marcelista.

O Mário, na altura, era um activo militante da CDE, oposição democrática. Poucos anos depois e ainda antes do 25 de Abril enviou-nos autografado o seu "Portugal sem Salazar", editado creio que pela Assírio e Alvim.

Acabámos por nos reencontrar no jornalismo. Ele, primeiro, no República, depois, como jovem Director do Diário de Notícias (talvez o mais jovem). Eu trabalhava na redacção do Telegiornal, no Lumiar, e estava a estudar, mas gostava de ir ter com ele à Avenida da Liberdade onde ficávamos a conversar até ele fechar o jornal já muito tarde.

O Mário foi depois para a Bélgica, onde se licenciou em Comunicação em Lovaina, deixando o Direito para trás.

Depois, em 85, já eu estava como Director da RTP-Açores, fizemos dez placas comemorativas do décimo aniversário. A primeira foi para o General Eanes, então Presidente da República, porque foi como Presidente

da RTP que decidi instalar a RTP-Açores. E outra foi para o Mário, que tinha liderado um grupo de estudo para o arranque da RTP-Açores.

Em 1995, no meu regresso a Lisboa, o Mário convidou-me para dar aulas na primeira Licenciatura de Jornalismo em Portugal, criada por ele na Faculdade de Letras de Coimbra. Privámos durante três anos, muitas vezes fazendo juntos de carro a viagem para Coimbra.

Nunca mais deixámos de nos encontrar nos bons e maus momentos, com telefonemas e almoços juntos. O Mário, apesar de ter um ar austero e reservado, tinha um humor fino que partilhava com os que lhe eram mais próximos. Um espírito brilhante, de uma vasta cultura e um grande jornalista. Grande jornalista a escrever e a ensinar, com imenso saber teórico e prático da profissão. Recebeu inúmeros prémios de Jornalismo e outras distinções e recentemente um doutoramento Honoris Causa pela Universidade do Porto. Lecionou no ISCTE, na Universidade Lusófona e na Escola Superior de Comunicação Social, onde ainda dava aulas no Mestrado.

Recentemente foi nomeado vice-Presidente da Entidade Reguladora para a Comunicação Social. Não era propriamente feliz nessa função de regulador.

Tinha sido fundador do Partido Socialista com Mário Soares na Alemanha em 73. Foi deputado na Constituinte junto com dois amigos Açorianos de quem muito gostava, Jaime Gama e José Medeiros Ferreira, este último também já desaparecido. Afastou-se da atividade partidária em 78, mantendo-se, porém, sempre, como um homem de esquerda e um amante da Liberdade. Era demasiado livre para ser regulador ou militante partidário...

Ele gostaria de ser lembrado hoje, mais do que tudo o que foi, como um Jornalista independente e um Pensador livre.

E foi. Talvez como nenhum outro que eu tivesse conhecido.

Lisboa 26 de Maio de 2022